

UM BESTIÁRIO NEGRO
ANÁLISE DAS IMAGENS ZOOMÓRFICAS DO
CAHIER D'UN RETOUR AU PAYS NATAL, DE AIMÉ CÉSAIRE ¹

Fernanda Maria de Sousa e Silva

A redescoberta da África e dos valores culturais da negritude pelos negros dispersos no mundo inteiro é um dos movimentos mais relevantes das últimas décadas. Reflete-se nas artes de um modo geral e especialmente na literatura, com o aparecimento da poesia, do romance e do teatro negro-africano de expressão francesa.

Entre os maiores representantes desta corrente destaca-se Aimé Césaire, poeta da Martinica, verdadeiro intérprete não só de sua raça oprimida, mas de todos os que sofrem qualquer espécie de segregação. A literatura engajada é um dos aspectos de sua obra literária que possui inegável dimensão metafísica.

Seu livro mais conhecido, o *Cahier d'un retour au pays natal* (1939), marca uma tomada de consciência negra e constitui um estandarte para todos os idealistas dos países colonizados e subdesenvolvidos. É um grito de revolta, de amor e de esperança. Obra complexa, de leitura bastante difícil, tem sido objeto de numerosos estudos.

Em *Um bestiário negro* apresentamos o resultado de uma pesquisa realizada sobre o texto desse poema, onde verificamos a presença constante, multiforme, quase obsessiva, da temática da animalização. Ao submetermos à análise suas imagens zoomorfas, tomamos por base e roteiro as obras de Bachelard e Durand.

Nossa tese se divide em três partes. A primeira contém o inventário dos animais, que classificamos segundo sua estrutura anatômica e seu habitat natural. Este levantamento leva-nos à conclusão de que o *Cahier* se carac-

¹ Tese de Mestrado em Literatura Francesa. Departamento de Línguas Neolatinas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2º semestre de 1976.

teriza por um extenso bestiário exercendo funções diversas. Ressaltamos a presença de grande número de animais infinitamente pequenos ou microscópicos, ao lado de outros de grande porte, sendo o número de animais de porte médio quase insignificante. A segunda parte estuda a teriomorfização simbólico-metafórica do universo uraniano, do mundo otoniano e do homem (o branco, o negro, o próprio poeta). Na terceira parte, enfocamos a fauna de Césaire sob outro prisma: animais positivos, animais negativos, animais símbolos, e seu relacionamento com os diferentes aspectos assumidos, no *Cahier*, pela negritude — a “velha” negritude, a negritude agressiva, a negritude triunfante.

Apresentamos ao leitor uma síntese da parte final.

Para o poeta, os animais negativos não são apenas os insetos repugnantes. São também os animais domésticos, os que colaboram com o homem e aceitam a domesticidade. Césaire denuncia o abastardamento dos negros nas Antilhas e repudia a “vieille négritude”, que constitui um núcleo representativo da aceitação passiva da injustiça, do estado de divisão de raças e de classes. Os antilhanos permanecem escravos da mediocridade, da preguiça, da falta de dignidade e de amor-próprio, conseqüências de um longo período de escravidão. Estas cicatrizes precisam ser apagadas. Urge sobretudo criar uma nova mentalidade que permita ao negro assumir suas diferenças étnicas, reconhecer os traços próprios do gênio da raça e proclamar sua dignidade.

A fim de atingir este objetivo, o poeta estigmatiza a antiga concepção de negritude, assume e denuncia o ressentimento ancestral, passivo e sobretudo negativo. Utiliza-se das formas teriomórficas para tomar suas idéias mais eloqüentes.

Todo o primeiro movimento do *Cahier* é uma repulsa a tudo o que não se pode tolerar: abastardamento, covardia e submissão, simbolizados pelos animais domésticos. Desfila ao longo do poema uma série de animais negativos, analisados separadamente. O peru, por exemplo, antigamente selvagem, apresenta-se aviltado, coisificado. Faz lembrar o negro que parece comprazer-se na própria abjeção, em sua condição de vítima, e acaba por se tornar objeto de consumo e de prazer. O bestiário do *Cahier* caracteriza-se pela ambivalência da maioria dos animais. Seu desempenho imaginário é determinado pelo contexto, pelo estilo e sobretudo pela adjetivação com que o autor os descreve. Assim, a cor branca atribuída ao gavião e ao cavalo toma-os negativos. Do mesmo modo, têm conotação negativa o urso que dança e o cavalo domesticado.

Entre os animais negativos, são ainda enfatizados os insetos, por sua maneira de atacar sórdida e degradante: picam, sugam, mastigam.

O gato e o cão são ainda mais degradados: estão mortos, apodrecidos. Se os animais domésticos são todos servis e repulsivos, ao cão em especial é atribuída uma carga altamente negativa. O cão identifica-se com o colonizador e antagoniza-se com o negro, opondo-se definitivamente ao lobo, sua réplica selvagem e, portanto, livre. O papagaio tem, no bestiário de Césaire, um desempenho que nos permite aproximá-lo do macaco. Ele imita e repete sons que não entende.

Ora, esta mentalidade de submissão degradante precisa ser destruída. Césaire vocifera uma imprecação onde tudo o que se relaciona com a negritude apodrecida deve ser extirpado.

A característica da negatividade abrange, pois, não apenas os animais considerados repugnantes e incômodos. Estende-se aos que, por se acomodarem e se colocarem apática e passivamente a serviço do homem, refletem, de algum modo, a atitude da raça negra humilhada e explorada pelo branco.

Tornar positivo o que é negativo parece constituir a solução vislumbrada por Césaire para salvar sua raça. Para reencontrar a dignidade perdida, urge libertar os monstros adormecidos. Função dos monstros é libertar, purificar, possibilitar a volta às origens, à autenticidade.

A imobilidade e o marasmo podem ser quebrados por uma revoada de pássaros. A verticalidade, a subida, eis as saídas possíveis. Os pássaros identificam-se com a luz, com o sol, com a infância. São livres, incitam à liberdade, libertam. Incutem a vontade de romper as amarras do cativo, o desejo de voar. O que neles mais importa é o vôo, a ascensão às alturas. Particular atenção é dada aos pássaros do mar. São alados (ascensão). São marinhos (purificação pela água).

Além de valorizar os pássaros, volta-se o poeta para os animais selvagens: autênticos, livres, dotados de agressividade. Existe perfeita identificação entre os mais ferozes e a negritude agressiva. Representados por eles, os negros assumem sua raça aviltada e desempenham, por sua vez, o papel de agressores. O lobo e o tigre têm aqui um papel relevante: são a força insubmissa, não se deixam domesticar, ameaçam e punem. O javali, isomórfico do touro, é evocado por sua força viril. O cavalo selvagem, não domado, sintetiza o sonho escondido de toda a humanidade: atingir, reencontrar a primitiva pureza, a inocência nativa. O galope, a cavalgada são enfatizados pela exuberância de vitalidade, de liberdade, de movimentos, de ausência de cadeias que aprisionam.

Daí o papel dos monstros. Somente os monstros podem desencadear a tempestade que libertará a raça negra, arrancando a máscara dos brancos “civilizados”. Se o Bem, pregado e não praticado pelos brancos, se revelou negativo, urge recorrer ao Mal. Os sentimentos recalçados pela longa escri-

vidão explodem. Identificado com o negro, Césaire realiza aqui uma verdadeira *cartasis* que lhe permitirá atingir a pacificação.

Depois da descida aos infernos do sofrimento e da humilhação, o negro se levanta. Césaire destrói a idéia da velha negritude, fazendo violentos ataques à cultura branca. O negro reconhece que não é inferior nem superior ao branco. É apenas diferente.

Para cantar a negritude triunfante, o poeta recorre aos animais símbolos. A serpente é um dos símbolos mais importantes do *Cahier*. Evoca-a Durand, inserindo-a na mitologia universal e destacando a tenacidade e a polivalência do simbolismo ofídico. A nosso ver, entretanto, a motivação mais convincente e imediata estaria no culto *Vaudou*. Verdadeira religião nacional das Antilhas, o *Vaudou* tem os seus "loa" (espíritos, gênios, forças) e entre eles sobressai o "Damballah-wédo", que é um deus-serpente. Uma análise da influência do *Vaudou* na obra de Césaire esclareceria o emprego de certas imagens zoomórficas de sua preferência. No *Cahier*, a serpente é citada poucas vezes, de maneira explícita. Assume formas diversas: vento-serpente, noite-serpente. Entretanto, o próprio texto do poema sugere a forma de uma imensa serpente (poema-serpente), cuja cabeça (final) encontraria a cauda (início), conciliando, promovendo o encontro dos contrários. A serpente aproxima os extremos: penetra e desaparece nas entranhas da terra; depois, ressurge e, no poema, por um movimento ascendente, chega a enlaçar o sol. Trocando de pele, muda e permanece ao mesmo tempo, sendo sempre a mesma. Pode bem simbolizar as transformações sofridas pela negritude.

Símbolo da fertilidade, ela identifica-se também com a euforia triunfante da raça negra. Também o negro se insere no ritmo do cosmos, fecundando a terra.

Finalmente, a serpente simboliza a perenidade ancestral, na sua função de animal *totem*, de animal e pássaro (serpente cósmica). A junção serpente-pássaro é também uma constante em Césaire. O poeta que identifica o sol com o pássaro (ora o chama de sol-serpente, ora de "serpentário") encaminha o leitor para a apoteose final de seu poema: a serpente-pomba, que enlaça e evolui para as alturas, misto de ofídio e fênix. O pássaro (colombe) é a serpente cósmica. Irrompe da terra da humilhação e fere os céus, onde, subindo, ligando e enlaçando, realiza, enfim, a grande conciliação dos contrários. Numa simbiose perfeita (serpente-pássaro, serpente-pomba, serpente-cosmos), o ofídio, em sua polivalência simbólica, passa a ser, no remate do poema, a figura da não-sujeição. da liberdade plena, do voo livre para as alturas, para o encontro do amor, para o reencontro da primitiva unidade rompida, da fraternidade universal das raças.

O fio condutor dos símbolos que percorrem todo o poema permite-nos vê-lo agora em toda a sua plenitude orgânica. Começara com a dolorosa constatação da queda, da descida, da quebra da harmonia entre as raças. No fecho final, triunfante — e não mais agressivo — dá-se o retorno em busca das origens comuns. Fecha-se o círculo, unem-se os extremos, concretiza-se o sonho do poeta: o reencontro fecundo da harmonia paradisíaca.